



## MAIS TEMPO PARA A TRANSIÇÃO

OTÁVIO LAGE DE SIQUEIRA FILHO

**A** liberação dos preços da cana-de-açúcar e do álcool a partir de janeiro de 1997 parece exigir alguma forma de ajuste que prepare o setor para a nova situação. Dificilmente chegará a haver uma concorrência de mercado com poucos compradores do álcool, pois são poucas as companhias distribuidoras. A corda irá arrebentar do lado mais fraco, que são destilarias autônomas, atualmente bastante descapitalizadas.

Após a liberação, o Proálcool deverá passar por um período de reestruturação, ajustando-se às leis de mercado para, em futuro próximo, atender ao que, acredito, será um grande mercado externo. O álcool anidro terá sua produção bastante incrementada, enquanto o álcool hidratado deve desacelerar a sua, à medida que se reduzir a fabricação de carros a álcool.

Do ponto de vista da qualidade de vida, essa redução é de se lamentar, em especial para quem mora nos grandes centros urbanos. Se a população desses centros discutisse mais intensamente a respeito da questão do imposto ambiental sobre a gasolina e o diesel, com certeza todos sairiam ganhando, pois a agressão sofrida pela natureza repercute de modo negativo sobre todos. Acredito num grande futuro para o combustível renovável, limpo, pois a questão ambiental tem crescido muito e a tendência é que cada vez mais os cidadãos tenham consciência da necessidade do uso de um combustível ecologicamente correto.

Quanto aos efeitos prováveis sobre o emprego direto no setor, há uma tendência a que ele diminua no Centro-Sul, devido ao uso de co-

lheitadeiras mecânicas, e no Nordeste, devido ao fechamento de usinas em consequência do elevado custo de produção da matéria-prima.

Sem dúvida, a redução do número de indústrias terá como consequência uma concentração da produção. O desempenho financeiro do setor pode também vir a sofrer perdas num primeiro momento, mas nada leva a crer que não conseguirá recuperar-se em prazo não muito longo. No meio agrícola, as usinas de açúcar, mais capitalizadas que as destilarias de álcool, conseqüentemente tenderão a aumentar sua participação.

---

Otávio Lage de Siqueira Filho é diretor-presidente da Jalles Machado Açúcar e Alcool, de Goiás.



## MAIS DO QUE AJUSTE DE MERCADO

PEDRO ROBÉRIO DE MELO NOGUEIRA

**A** discussão sobre a viabilidade e sustentação econômica do álcool combustível no Brasil tem ocupado muitos espaços nos últimos anos em função de comparações, pela aritmética simples de custos e preços finais, entre o combustível renovável — álcool — e o combustível fóssil — gasolina. Adicionem-se ainda a essa discussão o fato recente da quebra do monopólio do petróleo, a conseqüente liberação do preço dos combustíveis derivados do mesmo e a globalização da economia, como movimentos que conspiram contra a convivência econômica saudável entre o álcool

e a gasolina, tendo em conta os maiores custos do primeiro e tomando por base a atual realidade macroeconômica.

Uma análise desapaixonada e sensata sobre a matéria terá que distinguir entre a mera opção de utilizar o combustível álcool no contexto dos combustíveis nacionais, como se essa opção estivesse para ser ora iniciada, e a opção de considerar o álcool no contexto do Programa Nacional do Alcool (Proálcool), com todos os ingredientes que participaram da sua criação, há mais de 20 anos. Em suma, não devemos

reduzir a discussão à análise simplista do preço do produto no mercado, mas sim avaliar um setor da atividade econômica com expressão destacável no contexto do emprego e da renda.

Na primeira ótica de análise, restrita ao conceito de valorização para o menor preço final do combustível, têm-se que levar em conta, inicialmente, os aspectos da política econômica governamental que atingem de maneira prejudicial o álcool em relação à gasolina, tais como: